

# O USO DA VISOGRAFIA PARA O REGISTRO DA POÉTICA DE DUARTE: BREVE ANÁLISE À LA BAKHTIN

Claudio Alves Benassi<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo, apresentaremos o poema *Sentimentos*, do Professor Anderson Simão Duarte. A análise do poema será realizada pelo viés da teoria bakhtiniana, seguindo os três passos da análise proposta por Bakhtin. Ou seja, descrição do objeto estético; a apresentação dos elementos cognitivos; e, por último, a análise de sua função teleológica. Pretendemos apresentar à comunidade acadêmica nossas descobertas em relação à rima e à métrica em poemas sinalizados, elementos constitutivos da estrutura deste tipo de gênero ainda não explorado em análises anteriores na área da literatura das línguas de sinais.

**Palavras-chave:** Escrita da Língua de Sinais, visografia, poética, Bakhtin.

## Introdução

Pécora e Osakabe afirmam, na apresentação do livro *Linguagem, escrita e poder*, de Maurizio Gnerre (2009, p. 02), que vivemos numa sociedade grafocêntrica. De acordo com Benassi e Duarte (2014, p. 93), “isso implica dizer que somos regidos pela escrita e que por ela perpassam as relações ideológicas e de poder”. Todo discurso, segundo (BAKHTIN, 2010), é ideológico por natureza e, ainda que dado a interpretações, só pode ser eternizado em sua essência pela escrita. Para o teórico russo Mikhail Bakhtin (2003 [1979], p. 261) e Santaella (1983, p. 13), as relações humanas são mediadas e perpassadas pela linguagem, independentemente do campo ou área do conhecimento em que se insere. Conforme Benassi e Duarte (2014), quanto maior for o nível de instrução de um sujeito, maior “‘poder’ ele alcança em um determinado grupo social. A representação da linguagem verbalizada, a escrita, é a demonstração clara e nítida do nível de conhecimento e erudição de um sujeito” (p. 93).

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras UFMT, doutor em Estudos de Linguagens pela UFMT. E-mail: caobenassi@hotmail.com

Conceber o sucesso de um sujeito não “usuário da escrita” numa sociedade regida por ela seria difícil. A falta da escrita ou uso inadequado dela faz com que o sujeito tenha dificuldades de ascensão na sociedade e encontre problemas ao transitar livremente por ela. Segundo Benassi e Duarte (2014, p. 93), o desempenho no processo de grafia pode ser preponderante para, por exemplo, apresentar um simples currículo ou ser efetivado num emprego.

Em relação à escrita, Benassi e Duarte (2014, p. 95) asseveram que a aprendizagem da Língua Portuguesa pelo sujeito visual<sup>2</sup> (*surdo*) é descontextualizada e defasada. E, em muitos casos, traumática quanto aos atuais métodos e concepções. Os autores também a consideram esquizofrênica, posto que prioriza a aprendizagem da Língua Portuguesa como uma segunda língua, a qual o sujeito não compreende totalmente, em detrimento aos benefícios e possibilidades da aprendizagem da ELS<sup>3</sup>.

Neste artigo, além de apresentar um novo sistema de ELS, a VisoGrafia, como uma possibilidade de registro gráfico literário e cultural da LS, desenvolveremos uma breve análise à la Bakhtin do poema *Sentimentos*, de Duarte (Formiga em arte), composto em 2015. A metodologia para a realização da leitura será apresentar de forma resumida a história da ELS, incluindo a VisoGrafia, além da apresentação de sua estrutura. E, por último, traremos a análise do poema.

Vale ressaltar que os estudos sobre a literatura em Língua de Sinais e seus tipos de produção artístico-textual se tornaram profícuos na área. No entanto, os julgamos pouco conclusivos. Um dos fatores para tal conclusão, está no fato de acreditarmos que essa produção esteja, basicamente, registrada ora em Língua Portuguesa (LP) ora em vídeo.

Rosa (2006) considera a importância da criação literária em LS publicada por meio de imagem. Ele pontua que o desenho “é importante para crianças terem o visual e maior facilidade em perceberem o conteúdo” da produção. Por meio da escrita de sinais, conforme o autor, se dá o registro da cultura e do objeto estético na Língua de

---

<sup>2</sup> Termo conceitual delineado pelo pesquisador Anderson Simão Duarte (UFMT) para designar a pessoa que emite e capta mensagens linguísticas por meio do canal visual, levando em consideração que não se separa o sujeito da língua que o constitui ideologicamente. Assim sendo, o ouvinte é caracterizado pela língua oral/auditiva e o visual pela língua espaço/visual e não pela ausência da audição (DUARTE; BENASSI; PADILHA, 2016). Este termo corrobora a terminologia “sinalizante-visual”, utilizada pela professora Ana Regina e Souza Campelo em seu livro “Língua Brasileira de Sinais” (2011).

<sup>3</sup> A respeito dos benefícios e da aprendizagem da ELS, consultar os livros *Escrita de sinais sem mistérios* (BARRETO, BARRETO, 2012) e *Escrita da Língua Brasileira de Sinais* (STUMPF, 2011).

Conforto do visossinalizante. E a aprendizagem da escrita da LP, por sua vez, é considerada por ele como muito “importante para aprender” a lê-la (ROSA, 2006, p. 62).

No que diz respeito à produção de poemas, seu registro e divulgação vêm se dando, na maioria dos casos, por meio de vídeos. Este aspecto tem embotado o desenvolvimento de uma teoria literária da LS, ou, pelo menos, da adequação das teorias literárias existentes na modalidade viso-espacial da LS, característica que não se pode perder de vista quando o assunto é análise de sua produção estética. Apesar de considerarmos relevante a discussão teórica a respeito do tema, neste trabalho queremos nos debruçar apenas sobre a análise *à la* Bakhtin do poema *Sentimentos* (2015), de Duarte (Formiga em arte), produzido em Libras e escrito pela VisoGrafia (escrita de sinais que está sendo desenvolvida por Claudio Alves Benassi em pesquisa doutoral).

### **Breve histórico da ELS e o sistema de escrita da língua de sinais VisoGrafia**

Segundo Olviedo (2007, p. 294), Ambroise Auguste Bébien foi o primeiro professor e pesquisador guadalupenho a demonstrar que os sinalemas<sup>4</sup> das LS eram “escritos a partir de uma análise de suas formas”. Bébien desenvolveu o primeiro sistema de ELS de que se tem registro. Trata-se da *Écrire les Signes Mimographie*, que é considerada a mais importante obra de Bébien. No Brasil, existem três sistemas de ELS em circulação: o *SignWriting* (SW – que circula no Brasil), criado pela norte-americana Valerie Sutton, em 1974 (BARRETO, BARRETO, 2012, p. 38; STUMPF, 2011, p. 68) e é utilizado em mais de 60 países; a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), criada em 1997 pela professora Mariângela Estelita Barros<sup>5</sup> (BARROS, 2015); e o Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL), criado em 2009 pela professora Adriana Stela Cardoso Lessa-de-Oliveira (BENASSI, 2014)<sup>6</sup>.

A VisoGrafia foi criada em 2016 pelo professor e pesquisador Claudio Alves Benassi, da Universidade Federal de Mato Grosso e está sendo testada em um curso de extensão com ouvintes e visuais (BENASSI, 2016; LEITE, 2016). A VisoGrafia nasceu

---

<sup>4</sup> Sinalema (sinal): menor parte de um enunciado dotado de uma significação relativamente estável (BENASSI, 2017, p. 131).

<sup>5</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG).

<sup>6</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

de uma preocupação oriunda do ensino de ELS, no curso de graduação em Letras-Libras – Licenciatura, da UFMT. Segundo Benassi, Duarte e Padilha (2016, p. 35) tais questionamentos o levaram a experimentar e a realizar uma junção dos elementos mais simples e visuais do SW com a ELiS. A motivação decorreu do SW não ser reconhecido pela comunidade visual pelo excesso de caracteres – que segundo Stumpf<sup>7</sup>, chega a 900, aproximadamente –, e devido ao exacerbado detalhamento da escrita, considerado por isso denso e pesado (BENASSI, *et al*, 2016, p. 721); e, ainda, em decorrência da ELiS ser entendida como um sistema complexo e abstrato. No entanto, ambos os sistemas possuem seus elementos visuais e abstratos.

A VisoGrafia surge da percepção da importância da ELS para o registro da cultura, história e da literatura das LS e das dificuldades encontradas na prática do ensino-aprendizagem das ELS em dois outros sistemas (contextos concretos) o SW e a ELiS. Ao contrário do SW, que tem mais de 900 caracteres, e da ELiS, que possui 95, a VisoGrafia nasce com apenas 64 visografemas (letras). Na versão que foi testada em um curso de extensão por acadêmicos ouvintes e visuais, após testes, exercícios e convenções, o número de visografemas do sistema foi reduzido para 46. Com o uso frequente, o número caiu para 35. E, atualmente, conta com 37.

A VisoGrafia é uma escrita que consideramos de base alfabética, pois grafia os elementos visêmicos das LS isoladamente. Esses elementos são mais conhecidos como parâmetros e fonemas que representam as configurações de mão, locação, movimento e expressão não manual. Os caracteres foram desenvolvidos (e/ou tomados por empréstimo de outros sistemas) com base na articulação da língua de sinais, levando em consideração as características que são essenciais para a grafia das LS.

Vale ressaltar que muitos sinalemas necessitam de outros elementos gráficos para serem grafados com maior precisão. Segundo Benassi *et al* (2016, p. 05), a primeira versão da VisoGrafia tinha um total de 24 diacríticos<sup>8</sup>. No curso de extensão, no qual vários aspectos e elementos da VisoGrafia foram convencionados, o número cresceu.

---

<sup>7</sup> Disponível em

<https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/17/quem%20usa%20signwriting/>. Consulta em 10 de abr. 2014.

<sup>8</sup> Elemento gráfico que, na ELS, é grafado sobrescritamente ao visografema. É utilizado principalmente para completar a grafia dos sinais e/ou torná-los mais legíveis.

Hoje, a VisoGrafia tem 45 diacríticos, embora consideremos que, em determinados contextos, o uso de alguns seja absolutamente dispensável<sup>9</sup>.

### ***Sentimentos: a poética de Duarte e apontamentos sobre a análise***

Os dois principais pontos pelos quais se orienta a atenção do analista em relação ao discurso poético são o processo de criação artística, em que o artista organiza a linguagem de forma singular, situado num cronotopo determinado, e o produto da criação em suas múltiplas realizações (PADILHA, 2005, p. 18). Quanto à análise, Bakhtin orienta o analista a:

- 1º) Compreender o objeto estético na sua singularidade e estrutura puramente artística;*
- 2º) Abordar a obra na sua realidade original, puramente cognitiva, e compreender sua estrutura de forma totalmente independente do objeto estético;*
- 3º) Compreender a obra exterior, material, como um objeto estético a ser realizado, como aparato técnico da realização estética, procedendo pelo método teleológico (2010 [1975], p. 22. Grifos do autor).*

Assim sendo, o analista precisa se ater em sua análise à compreensão da estrutura artística do objeto estético, isto é, verificar as possibilidades de realização artística do mesmo. No caso do gênero poema, as formas de realização são as mais diversas possíveis, desde as clássicas às utilizadas contemporaneamente. Esta é a primeira tarefa. Em relação à segunda, o analista deverá compreender a estrutura da obra, como aponta Bakhtin, em sua realidade original, independente do objeto estético, ou seja, desvendar o uso da língua na composição: o material utilizado no caso do gênero poema.

A terceira e última tarefa proposta por Bakhtin compreende a análise da obra exteriormente, ou seja, desvendar a arquitetônica do autor-criador que surge como resultado técnico que a estética realiza. Abarca a compreensão do querer dizer na arquitetura do autor-herói que discursa no objeto estético (o poema, em nosso caso) e sua orientação para um determinado fim (teleológica). Antes, porém, de passarmos a exposição do poema *Sentimentos*, convém dizer que estamos concebendo-o como um

---

<sup>9</sup> Neste artigo, não colocaremos exemplos sobre a aplicação dos visografemas e diacríticos da VisoGrafia na escrita. No entanto, já contamos com textos publicados e inéditos que expõem a aplicação dos caracteres na escrita e sua descodificação na leitura. Para maiores informações sobre a VisoGrafia consultar o site <http://www.visografia.webnode.com>.

enunciado concreto. O enunciado é, como afirma Sobral (2009, p. 90), fruto de relações e de intercâmbio linguístico, que não se dá em termos de sucessão temporal, mas, sim, de sentido, respondendo a enunciados anteriores e interrogando enunciados vindouros. Para o autor, o enunciado é concreto pois “é fruto de uma relação concreta entre sujeitos concretos que se acha refletido em sua estrutura” (p. 92.).

Para Bakhtin, dois fatores determinam um texto e fazem dele um enunciado. Em primeiro lugar a intenção, ou seja, o projeto de enunciação, o querer-dizer durante sua execução. Em segundo, a materialização desse querer-dizer por meio de um gênero discursivo. Para Sobral, Bakhtin “acrescenta que entre o projeto e a execução pode haver divergências e que ao longo da execução o projeto pode ir se modificando, referindo-se naturalmente às modulações que o locutor imprime ao enunciado.” (2009, p. 91).

Para Benassi, Duarte e Padilha (2015, p. 41) a produção artística literária em LS, confere à obra autonomia e originalidade, pois, na concepção dos autores, essa produção não deve ser perpassada pela Língua Portuguesa, quer seja para a organização, quer seja para o registro, características comuns no meio. Para esses autores, as LS possuem atributos visuais que, juntamente com a ELS, podem subsidiar tais produções de forma original e autônoma.

O poema *Sentimentos* (DUARTE, 2015), que analisaremos neste artigo, foi produzido, exclusivamente, em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo professor e poeta Duarte (Formiga em arte), e foi alvo de duas outras análises, sendo elas um painel apresentado no I Círculo de Estudos de Escrita das Línguas de Sinais (I CEELiS), que originou o artigo “*Poiesis* da Libras e da escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte”. Os trabalhos foram divulgados em 2015.

Assim sendo, a grafia em ELS da produção literária em LS é um recurso de suma importância, pois é um tipo de suporte que, diferentemente do vídeo, não é perecível. Além disso, permite ao analista visualizar a dupla articulação das LS, aspecto ainda entendido de forma equivocada no meio sinalizado. Os sinalemas são decomponíveis em dois níveis. O primeiro, o morfológico; e o segundo, parêmico (fonético). Assim, o analista pode observar a forma como os sinais são encadeados para a produção de determinado objeto estético.

A escrita de sinais nos permitiu a descoberta da métrica dos poemas em LS, que se dá de forma peculiar, determinada pela modalidade visual das LS. Foi um recurso essencial para a descoberta da métrica em poemas sinalizados, pois considera que a escrita de sinais torna visíveis as partes morfológicas que constituem um sinalema, conforme assevera Benassi (2017). O autor explica que é possível realizar a escansão dos versos da seguinte forma: nos sinalemas compostos, a primeira parte do sinal é sempre forte e a(s) seguinte(s) fraca(s); nos sinalemas em que há a aplicação de morfismo<sup>10</sup>, o primeiro sinalema é sempre forte; e sinalemas em que o movimento é apenas direcional são considerados fracos.

A primeira noção de métrica em poemas sinalizados veio da noção de sílaba de Barros (2008; 2015). No entanto, essa ideia foi abandonada. Para a presente análise, os versos do poema *Sentimentos* serão medidos tendo como base o sinalema e o sinalico. Conforme Benassi (2017, p. 131, 132), foi com o advento dos estudos articulatórios da Libras que percebeu que as categorias existentes na linguística da Libras eram incipientes para uma análise linguística minuciosa. Assim, o autor criou um esquema de categorias que além de permitir a aplicação do princípio de dupla articulação da linguagem humana (MARTINET, [1959] 2014; 1971), permitiu abandonar a noção de sílaba na língua de sinais que só pode se dar por analogia, e constituir a categoria de sinalema e sinalico que melhor fomenta a medida de versos em poemas sinalizados. Segundo Benassi (2017):

O enunciado é decomponível em partes menores, ou seja, é composto por itens lexicais analisáveis. O enunciado é uma parte que compõe o discurso, decomponível em:

1. sinalema (*signal*): menor parte de um enunciado dotado de uma significação relativamente estável;
- 1.1. sinalico: parte na qual um sinalema pode ser articulada, podendo esta ter ou não sentido em si mesma. Neste aspecto, pode ser morfêmico lexical ou gramatical – se possuir significado em si mesma; distintivo se assumir apenas distinção na seleção de dedos, não comportando esta na execução de um determinado sinalema, de forma idêntica para todos os dedos;
2. parâmetro: agrupamento de paremas constitutivos da língua de sinais. N'outras palavras, grupo que congrega os menores elementos visuais articuláveis da língua de sinais, com os quais se pode formar novos itens lexicais na língua de sinais;
3. pema: é a *unidade mínima do plano de expressão das línguas de sinais que não possuem, em si mesmas, significado algum*,

---

<sup>10</sup> Espécie de elisão entre sinalemas.

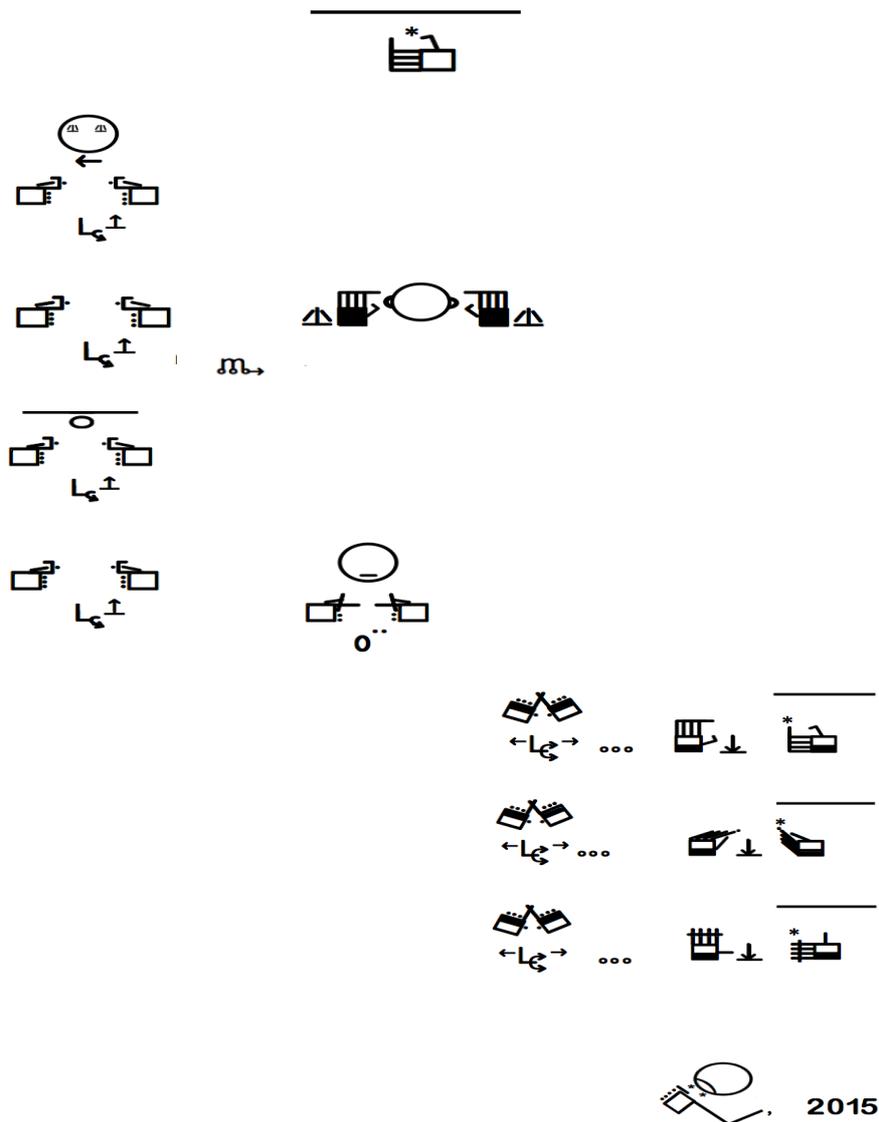
*combinam-se entre si para formar sinalicos morfêmicos ou sinalicos distintivos* (BENASSI, 2017, p. 131, 132. Grifo do autor).

É importante frisar que, no processo de escansão de um verso, só é contado o sinalico que apresente pelo menos dois parâmetros. Ou seja, o sinalico precisa apresentar no mínimo os parâmetros configuração de mão e locação – esta última pode ser implícita. Em outras palavras, não grafada. Vale ressaltar que, na VisoGrafia, o espaço neutro não é grafado. Portanto, na grafia de um sinal, ele fica implícito.

Apresentamos a seguir a transcrição do poema *Sentimentos* em Libras, escrita pela VisoGrafia e, em seguida, sua transcrição na Língua Portuguesa.

### **Texto e transcrição do poema**

Figura 1. Apresentação do poema *Sentimentos* de Duarte (2015) escrito pela VisoGrafia



Fonte: acervo particular de Claudio Alves Benassi.

Transcrição:

*Não preciso ver  
 Não preciso ouvir  
 Não preciso andar  
 Não preciso falar*

*Mas... te quero junto a mim  
 Mas... viva próximo a mim  
 Mas... seja meu amigo*

*Duarte (Formiga em arte, 2015)*

A partir de agora, tentaremos realizar de forma topicalizada, a análise bakhtiniana, compreendida em três passos: descrição do objeto estético, apresentação dos aspectos puramente cognitivos e orientação teleológica.

### Análise do poema *sentimentos*

O poema *Sentimentos* está organizado em duas estrofes: a primeira possui quatro versos; a segunda, três. Soma assim um total de sete versos, configurando-o como uma septilha. O elemento de gênese da obra literária está apresentado no título, sendo este a

orientação da palma da mão (  ), elemento visual que aparecerá no início de todos os versos da primeira estrofe. Este recurso ainda é utilizado na rima visual

consecutiva que domina o início dos versos da primeira estrofe (  ).

Os versos rimam na primeira estrofe pelo uso da configuração de mão (  -  ) e também pela orientação de palma para trás e movimento. Podemos classificar estas rimas como consecutivas iniciais. Na segunda estrofe, aparecem outras

rimas consecutivas iniciais por configuração de mão (  -  ) e orientação de palma para baixo, além da combinação de movimento. No final dos versos, porém, percebemos a utilização de rimas finais consecutivas de orientação de palma para cima.

Constatamos que, na composição, há um forte apelo organizacional dos elementos por oposição. Eles se alternam nos quatro versos da primeira estrofe. No primeiro e no terceiro verso aparecem sinalemas cuja composição neológica<sup>11</sup> se faz

pelo uso de um sinalema não manual sobreposto a um manual (  -  ). Em oposição a esta ideia, Duarte utiliza no segundo e no quarto verso sinalemas gramaticais

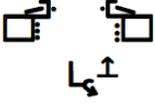
<sup>11</sup> Sinalemas que são constituídos no momento da enunciação, servindo a um propósito de expressão, principalmente, a artística.

em sequência linear (  ). Na segunda estrofe, há rimas finais por orientação de palma para cima, que compõem os sinalemas neológicos

utilizados (  ). Encontramos, ainda, no início de cada verso, rimas organizadas

por paralelismo de sinalemas (   ).

Em relação à métrica, observamos que os sinalicos poéticos nos versos podem ser medidos pela punção de força na articulação dos movimentos dos sinalemas. Assim sendo, o primeiro e o terceiro verso são, poeticamente, monossinálícos. Ou seja, os

versos apresentam apenas dois sinalicos:  sobreposto a  , sendo este último considerado forte e o primeiro (que encerra o verso na execução do sinalema e que constitui a ação de ver, e cuja necessidade é negada) é considerado fraco forte e uma fraca. Portanto, o verso é caracterizado como monossinálíco.

O segundo verso também é monossinálíco. Apresenta dois sinalemas, ambos caracteristicamente fortes, no entanto, o autor utiliza o morfismo (  ) entre os sinalemas, fazendo com que o segundo sinalema do verso, perca a punção de força do movimento. O quarto e último verso da primeira estrofe apresenta dois sinalemas, ambos com características fortes, sendo, portanto, um verso bissinálíco.

Todos os versos da segunda estrofe possuem dois sinalemas. O segundo sinalema de todos os versos apresentam dois sinalicos: o primeiro com ponto de

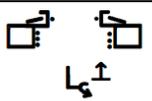
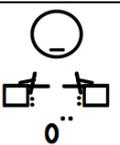
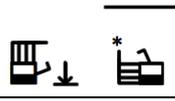
articulação no espaço neutro (  ) e o segundo no peito (  ). Por este motivo, na escansão de poemas sinalizados, neste tipo de sinalema, por apresentar movimento direcional, consideramos ambos os sinalicos fracos. Desse modo, todos os versos são monossinálícos.

Para tornar nossa análise mais proveitosa no que diz respeito ao uso da língua, utilizaremos uma tabela, que apresenta inicialmente a foto do sinalema; na sequência, o sinalema escrito e, por fim, apontamentos simples sobre a categoria gramatical e outros

a respeito da organização das orações. E damos destaque ao material verbal organizado a partir da posição estética de Duarte em relação à discursividade da normalização.

A partir de sua visão estética, Duarte lança mão do material verbal listado na tabela a seguir e o organiza segundo a sua própria ética, no intuito de materializar o seu querer-dizer. Desse modo, busca organizar rimas, opor ideias por meio da utilização de sinalemas neológicos contrapostos pela utilização de sinalemas gramaticais, transpõe o elemento de gênese da obra para as rimas iniciais e faz surgir (talvez não de forma controlável e desejada), uma forte relação numerológica em sua obra.

Tabela 01. Elementos visêmicos e morfológicos utilizados em *Sentimentos* (2015) de Duarte

SINALEMA	DESCRIÇÃO	FUNÇÃO
	Sentimento: substantivo comum.	Título da obra.
	Não ver: sinalema não manual, neológico verbal e descritivo.	Os sinalemas combinados funcionam como uma expressão verbal. “Não ver” expresso somente pelo rosto funciona como verbo auxiliar ao verbo “não precisar”.
	Não preciso: sinalema bimanual. Verbo não direcionado, com aspecto de negação incorporado.	
	Ouvir: verbo não direcionado, articulado próximo ao corpo, no espaço em frente ao ouvido externo.	Combinado com o sinalema “não precisar” funcionam como uma expressão verbal. “Ouvir” funciona como verbo auxiliar ao verbo “não precisar”.
	Não andar: sinalema neológico verbal descritivo.	Combinado com o sinalema “não precisar”, do qual é auxiliar, os sinalemas funcionam como uma expressão verbal.
	Falar: verbo não direcionado, articulado próximo ao corpo, no espaço em frente à boca.	Combinado com o verbo “não precisar” funciona como uma expressão verbal. “Falar” é auxiliar do verbo “não precisar”.
	Mas: conjunção adversativa.	Liga as orações e acrescenta a ideia de contraste entre elas.
	Te quero junto a mim: sinalema neológico bissinálico	Pode ser classificado como uma expressão poética.
	Viva próximo a mim: sinalema neológico bissinálico.	Pode ser classificado como uma expressão poética.
	Seja meu amigo: sinalema neológico bissinálico.	Pode ser classificado como uma expressão poética.

Fonte: Claudio Alves Benassi.

Em relação ao apelo numerológico existente na composição de Duarte (2015), o número 2, que no ocultismo é representado pelo círculo dividido por uma reta, e é tido por Pitágoras como o número que se relaciona com a gentileza, a simpatia, a sabedoria, a tranquilidade e a diplomacia. Já a cadeia trina (número 3) é representada pelo triângulo equilátero. Está relacionado à evocação, ao fundamento e ao apoio. Estabelece relações com a noção de simetria, que só pode ser desenvolvida partindo de três pontos. O 3 representa, ainda, a essência da criação (BENASSI, 2017, p. 58).

O número 4 é representado pela cruz celta e está relacionado aos quatro elementos: a terra, a água, o fogo e o ar. Está sempre ligado à matéria e ao concreto, e raramente pode-se observar conotação abstrata ou filosófica relacionada ao 4. A cadeia setenária (número 7) é representada pela cruz suástica em sua forma dextrogira. Está relacionada com a criação, à religiosidade e à espiritualidade. O sete é preponderante nas questões abstratas. Está ligado à perfeição e ao autoconhecimento (BENASSI, 2017, p. 61).

Em nossa concepção, a terceira é uma das mais difíceis tarefas da análise proposta por Bakhtin. Tentar vislumbrar nas tramas de um texto o querer-dizer e sua finalidade se configura como uma tarefa árdua. Ainda assim, voltamos nossa atenção para este aspecto. No poema, Duarte chama nossa atenção ao explicitar os seus sentimentos na primeira estrofe. O eu lírico coloca-se no lugar do outro, que se configura como aquele que é marginalizado na sociedade pelo discurso da normatividade.

Desse extra-local é tecido – com os fios ideológicos alheios-próprios – o discurso da relatividade. Ou seja, se para um sujeito é essencial ver, para o tátil (*cego*), o essencial é ter condições de acessibilidade que atenda suas demandas de localização.

Para um cadeirante, andar não é essencial para viver. Mas, ter condições de acessar facilmente as localidades com seu meio de locomoção: sim. Para o visual (*surdo*), o essencial é a comunicação visual, posto que ele não tem acesso ao mundo dos sons. Em relação à segunda estrofe, a partir do lugar do outro Duarte nos convida a conhecer a realidade desses sujeitos. O discurso traz à baila a noção de que, da exterioridade, um ser ou, melhor dizendo, a estética de um ser, não pode nos dar a dimensão – tampouco o acabamento real, ainda que momentâneo – do mesmo.

A partir do apelo numerológico da obra pelo número 2, podemos entender a forte oposição discursiva de Duarte, em relação à normatividade, aos rótulos, ao

paternalismo, posto que este número evoca a dualidade. O número 3 nos traz a noção da perfeição, no entanto, esta não pode ser encontrada na exterioridade. Somente se aproximando, vivendo e se colocando no lugar do outro será possível acessá-la. O número 4 representa a materialidade, a concretude discursiva da normatividade.

Em contraposição, temos o número sete que resulta da soma dos dígitos 3 e 4. O sete evoca a espiritualidade, elemento essencial à perfeição e ao autoconhecimento. Só conseguiremos ver a perfeição do outro enquanto ser, se nos conhecermos e o admitirmos como constitutivos do nosso eu. Por fim, o número 9, que resulta da soma dos dígitos 2, 3, 4 e 7, para Pitágoras é o número dos iniciados, daqueles que já passaram por todas as provas. Em suma, é um convite de Duarte para darmos mais um passo: para nos iniciarmos na amorização, na não-indiferença.

### **Considerações finais**

Decorrido um ano após as duas primeiras tentativas de analisar o poema *Sentimentos*, de Duarte (2015), uma nova análise se materializa ao longo das presentes páginas. Algumas de suas características a diferenciam das abordagens anteriores, tais como: a escrita do poema, o sistema de ELS utilizado e o método empregado na análise, que por ora julgamos satisfatória. Desta vez, escrevemos alguns sinais de forma diferenciada, o que interferiu na análise do primeiro item (apresentação do objeto estético).

No entanto, não avaliamos esse fato como negativo, pois, para Bakhtin (2010 [1929]) tudo está situado num espaço-tempo e, como ele nos ensina, os enunciados são irrepetíveis. Assim sendo, nosso conhecimento daquele momento para este se configura em um novo conhecimento, pois nossas percepções desse objeto estético sofreu a ação do tempo. Logo, se modificou.

Conforme foi exposto ao longo do presente texto, a VisoGrafia é um sistema de ELS viável para o processo de grafia e registro da cultura e da literatura das LS. Apesar da controvérsia existente a respeito do que seja rima e métrica em poemas nas LS entre os estudiosos da área, podemos perceber que os elementos parâmetros das LS podem ser combinados, e assim, compreendemos que a divisão sinálica constitui a métrica da poesia das LS de uma forma peculiar.

O presente estudo ainda está em andamento e faz parte de nossa linha de pesquisa sobre a poética ligada às LS. Visto assim, este não é um trabalho fechado, tampouco, pronto e acabado e, portanto, está aberto a novas apreciações e valorações acadêmicas, assim como as publicações anteriores na área feitas por nós sobre o mesmo tema. Voltaremos a aprofundar nossa pesquisa noutros trabalhos, num futuro próximo.

## Referências

BAKHTIN, M. M. [1979] *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_.; VOLOSHINOV, V. N. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 2010.

BARRETO, M.; BARRETO, R. *Escrita de sinais sem mistérios*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.

BARROS, M. E. *ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BENASSI, C. A. Além dos sentidos: a escrita das línguas de sinais como uma proposta de produção acadêmica do surdo. In.: *Seminário de educação 2014: Educação e seus modos de ler-escrever em meio à vida*. (22. : 2014 : Cuiabá, MT).

BENASSI, C. A. Da escrita do português pela pessoa com surdez. In.: BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. *Além dos sentidos: ensaios sobre Libras*. Cuiabá: Cláudio Alves Benassi, 2014. Disponível em <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2856/1976>> Consulta em 30 de mar. 2015.

BENASSI, C. A. Configuração manual e alfabeto manual de Machado e Benassi 2014: a primeira monografia de pós-graduação lato sensu do Brasil em ELiS. In.: *Revista Diálogos (RevDia)*. v. 2, n. 2, 2014. Disponível em <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2875/1993>> Consulta em 30 de mar. 2015.

BENASSI, C. A. VisoGrafia: alguns desdobramentos do objeto de tese “escrita de sinais”. *Revista Falange Miúda (ReFaMi)*, ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017. Disponível em <<http://www.falangemiuda.com/ano-2-n-2-2017/refami-art-22201768/>>; <<http://files.falangemiuda.com/200000569-616ec6268f/refami-art-22201768.pdf>> Consulta em 26 de dez. 2017.

BENASSI, C. A. “Coração partido” de Cao Benassi: a escrita de sinais VisoGrafia na fixação do gênero literário poema. *Língua Portuguesa e suas literaturas no mundo*:

Anais do I Congresso Internacional de Letras (CONIL). Pedro & João Editores: São Carlos, 2017.

BENASSI, C. A. Formação de docentes de escrita das línguas de sinais (ELiS). In.: *Revista Falange Miúda (ReFaMi)*. Ano I, n. I, 2016. Disponível em <[http://files.falangemiuda.com/200000428-99fe69af93/REFAMI\\_ART\\_1120167.pdf](http://files.falangemiuda.com/200000428-99fe69af93/REFAMI_ART_1120167.pdf)> Consulta em 15 de out. 2016.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. Além dos sentidos I: ensaio a respeito da escrita de sinais. *Revista Diálogos (RevDia)*. v. 2, n. 1, 2014. Disponível em <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2766/1891>> Consulta em 30 de mar. 2015.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. Da aprendizagem da modalidade da língua portuguesa pela pessoa com surdez. In.: BENASSI, C. A.; DUARTE. *Além dos sentidos: ensaios sobre Libras*. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2014. Disponível em <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2854/1974>> Consulta em 30 de mar. 2015.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; SOUZA, S. A.; PADILHA, S. de J. VisoGrafia: uma proposta de grafia para as línguas de sinais. In.: *VI Círculo – rodas de conversa bakhtiniana: literatura, cidade e cultura popular*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 1343 p.

BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; S. de J. *Poiesis da Libras e da escrita das línguas de sinais (ELiS): a utilização da visualidade da língua e da ELiS na poética de Duarte*. In.: *Revista Diálogos (RevDia)*. v. 3, n. 2, 2015. Disponível em <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3368/2365>> Consulta em 15 de out. 2016.

CAMPELLO, A. R. e S. *Língua brasileira de sinais*. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

DUARTE, A. S. *Sentimentos*. Poema. Acervo do autor.

LEITE, M. Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: a pedagogia numa perspectiva bilíngue. In.: *Revista Diálogos (RevDia)*. v. 4, n. 1, 2016. Disponível em <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3899/pdf>> Consulta em 15 de out. 2016.

MARTINET, A. *Elementos de linguística geral*. Clássica Editora: Lisboa, [1959], 2014.

MARTINET, A. *A linguística sincrônica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

OVIEDO, A. Vuelta a um hito histórico de La linguística de lãs lenguas de señas: La mimographie de Bébian em el sistema de transcripción de Stokoe. *Lenguaje*, Universidad Del Valle, Cali. 2009, volume 37, no 2, p. 293 – 313. Disponível em <<http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37-2>>.

Acesso em 25 set. 2013.

PÉCORA, A. A. B.; OSAKABE, H. Apresentação. In.: GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROSA, F. S. Literatura surda: criação e produção de imagens e textos. In.: ETC – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 58-64, jun. 2006.

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

STUMPF, M. *Escrita de Língua Brasileira de Sinais*. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

## **THE USE OF VISOGRAFIA FOR THE RECORD OF THE POETRY OF DUARTE: BRIEF ANALYSIS A LA BAKHTIN**

### **ABSTRACT**

In this article, we will present the poem *Sentimentos* of Professor Anderson Simão Duarte. The analysis of the poem will be realized by the bias of the Bakhtinian theory, following the three steps of the analysis proposed by Bakhtin, that is, description of the aesthetic object; presentation of the cognitive elements and finally, analysis of its teleological function. We intend to present to the academic community our findings regarding rhyme and metrics in sign poems, constitutive elements of the structure of this type of genre not yet explored in previous analysis in the area of sign language literature.

**Key words:** Sign Language Writing, VisoGrafia, Poetics, Bakhtin.

Recebido em 25/04/2018.

Aprovado em 13/07/2018.